

A ATIVIDADE ERVATEIRA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE REGIONAL NA LITERATURA DE HERNÂNI DONATO E HÉLIO SEREJO

Leandro Baller
Luiz Fernando Picolo

Resumo: O objetivo é analisar a construção discursiva da formação da identidade do Mato Grosso do Sul a partir da atividade ervateira nas primeiras décadas do século XX. O tema é tratado a partir da análise das obras “Selva Trágica” de Hernâni Donato (1959), e “De Galpão em Galpão” de Hélio Serejo (1962). Busca-se entender a construção discursiva no interior das obras que contribui para a formação da identidade regional sul do Mato Grosso nas primeiras décadas do século XX, atentando ao ciclo dos trabalhadores dos ervais, compreendendo como os grupos que se julgam semelhantes, e, diferentes de outros, se unem, e formam uma cultura.

Palavras-chave: Identidade, literatura-história, história regional.

The yerba mate’s industry activity and construction of regional identity in Hernani Donato and Hélio Serejo literature

Abstract: The aim is to analyze the discursive construction of the identity formation of Mato Grosso do Sul from the Yerba Mate activity in the first decades of the twentieth century. The subject is treated from the analysis of the selected works “Selva Trágica” [Tragic Jungle] of Hernâni Donato (1959) and “De galpão em galpão” [From shed to shed] of Hélio Serejo (1962). The objective is to understand the discursive construction within these selected works that contribute to the formation of Mato Grosso do Sul regional identity in the first decades of the twentieth century, focusing the cycle of Yerba Mate’s workers and understanding how groups that think similarly unite and form a culture.

Keywords: Identity, literature-history, regional history.

La actividad del cultivo de yerba mate y la construcción de la identidad regional en la literatura de Hernani Donato y Hélio Serejo

Resumen: El objetivo es analizar la construcción discursiva de la formación de la identidad de Mato Grosso do Sul, desde la actividad de cultivo de yerba mate en las primeras décadas del siglo XX. El tema es tratado a partir del análisis de las obras “Selva Trágica” de Hernâni Donato (1959) y “De Almacén en Shed” de Helio Serejo (1962). Se busca entender la construcción discursiva dentro de los trabajos, que contribuyen a la formación de la identidad regional sur de Mato Grosso, en las primeras décadas del siglo XX, teniendo en cuenta el ciclo de los trabajadores de hierbas, con el fin de comprender cómo los grupos que piensan similar y diferente de otros, se unen y forman una cultura.

Palabras clave: Identidad, literatura historia, historia regional.

Introdução

A identidade regional sul matogrossense é construída por uma vasta gama de características, entre elas assinalamos a vivência dos ervateiros e seus costumes estabelecidos por mudanças culturais, especialmente na relação com pessoas vindas do Paraguai durante o período de extração *innatura* da erva mate – *ilexparaguayenses*.

Nesse sentido, o objetivo do texto é fazer com que as obras literárias “De Galpão em Galpão” e “Selva Trágica” introduzam pontos minuciosos sobre a vida nos ervais, costumes, folclore, tradições e a complexidade desse ambiente, contribuindo assim para o enriquecimento da percepção que se tem sobre esta região e que fomentam pesquisas até a atualidade. Os escritos de Serejo e Donato deixam traços que enlaçam narradores, história e narrativa literária. De um lado, há marcas históricas que lhes

aproximam dos fatos, não obstante, a trama envolve toda a obra, criando um clima coeso para que o leitor seja introduzido no contexto que a obra os reportará, ou seja, o contexto da exploração do mate no cone sul matogrossense.

Nosso objetivo é fazer a inserção dos textos literários no interior da historiografia, para isso é significativo perceber que a partir da ascensão da Escola dos Annales (1929), a historiografia sofre renovações em que várias abordagens sobre as pesquisas passam a ser discutidas, dando-lhes um enfoque mais peculiar.

Portanto, a 'historiografia das peculiaridades' passa a ser latente nas fontes estudadas e enfatiza a necessidade de novas pesquisas nesta área, e, sobretudo, do debate em que ela se insere no tocante a chamada história regional. A história regional é contributiva dessa contenda, pois amplia consideravelmente os estudos nesta área, em que a literatura tem se mostrado como 'fonte fecunda' para compreender vários aspectos, como no nosso caso a cultura, pois, a partir da cultura estudamos o homem e suas experiências. Sendo assim, a história se torna caudatária desses novos aspectos, um debate no interior da área que se apresenta com propriedade e marca não apenas a importância temática e dos sujeitos que a compõem, mas também pela maneira como ela constrói e edifica o local, questões a serem percebidas na operacionalização interdisciplinar entre a Literatura e a História, num diálogo profícuo.

Tendo essas particularidades como premissa, atentamos as reflexões de Antonio Celso Ferreira ao afirmar que:

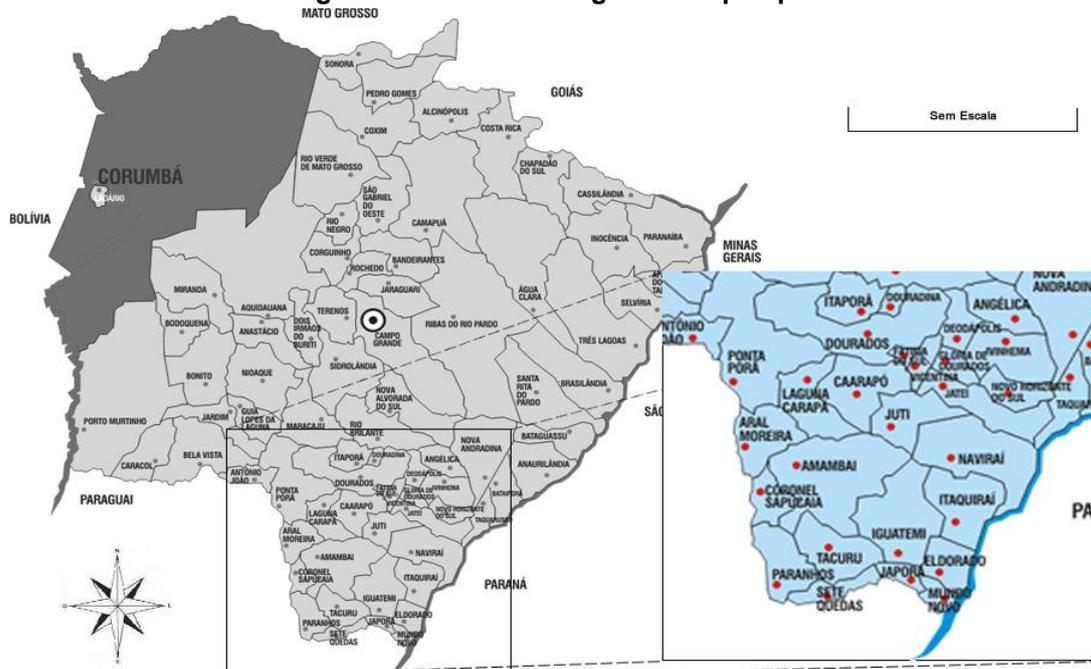
Mais do que isso, nas últimas décadas os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo (FERREIRA, 2009, p. 61).

Deve-se compreender que no início do XX, o documento como fonte era "expressão de autoridade e verdade" (FERREIRA, 2009, p. 63). A partir da segunda metade do século o gênero literário passa a ser amplamente debatido entre os historiadores. Com isso, há a ampliação do cenário temático com novos objetos de análises, como o cotidiano, as festas, a linguagem, entre outros, e é neste contexto que surge a Nova História, em que a fonte/documento passa a ser compreendida não mais como uma verdade absoluta. A partir de então surgem novos trabalhos e a História Cultural nos proporciona um cabedal variado de possibilidades de pesquisa.

Nesse cenário para Antonio Celso Ferreira a literatura se torna "um produto dos processos históricos ocorridos no Ocidente a partir da sua matriz européia" (FERREIRA, 2009, p. 65), nada mais cabível que esta 'arte da escrita' contenha em seu meio os fatos históricos.

O recorte espacial para a análise ora desenvolvida compreende o cone sul matogrossense ou Sul de Mato Grosso¹, abrange uma área de aproximadamente 12.733,00 Km² e é composto na atualidade por oito municípios: Eldorado, Iguatemi, Itaquiraí, Japorã, Mundo Novo, Naviraí, Sete Quedas e Tacuru.

Figura 1: Área de abrangência da pesquisa



Fonte: Imagem de hepta://image.google.com (Adaptado por Luiz F. Picolo).

Acrescentou-se neste recorte o município de Ponta Porã, que é muito citado na obra de Donato. O recorte é necessário, pois ele contém os domínios da Companhia Mate Laranja. Segundo Odaléia da Conceição Bianchini.

A ocupação das terras do cone sul de Mato Grosso tem o cunho pioneiro de Thomaz Laranja [...] a expansão [...] ultrapassou os limites do Estado, atingindo [...] as barrancas do rio Paraná, surgindo assim pequenos sítios, lugarejos, onde era efetuada a coleta da erva-mate. [...] Historicamente, tal prática é desencadeada pelo Decreto Imperial [...] que concedia a Thomaz Laranja o direito de explorar os extensos ervais situados no sul de Mato Grosso. A empreitada de caráter pessoal assume depois o caráter de Empresa quando é criada a Mate Laranja S.A (BIANCHINI, 2000, p. 26-27).

Já como recorte temporal, o trabalho obedece à época em que se reportam as obras literárias, “Selva Trágica” de 1959, autoria de Hernâni Donato, e “De Galpão em Galpão” de 1962, autoria de Hélio Serejo compreendem literariamente fatos decorridos entre os anos 1910 e 1930.

Uma breve história dessa literatura de Donato e Serejo

“Selva Trágica” de Hernâni Donato conta a história dos ervateiros que eram explorados pela empresa Mate Laranja, resultando em determinados momentos na fuga dos trabalhadores e em conflitos contra os patrões. Seu recorte temporal está delimitado entre meados de 1920 e 1930. Donato volta o olhar para o tempo da extração ervateira e cria sua obra abrangendo várias temáticas que se relacionam com a vida nos ervais e, a partir de então, pode-se perceber um discurso vivo para a construção da identidade regional que se forma na relação entre as pessoas e destas com a terra. Há um cruzamento entre a literatura e a história, criando uma mescla de elementos de ficção e elementos não ficcionais. “Selva Trágica” procura demonstrar a relação dos trabalhadores com a erva mate e toda

a complexidade vivenciada pelos mesmos durante o trabalho nos ervais. O objetivo principal é levar ao leitor o lado sombrio dos ervais, demonstrando que: “Quem não sabe destas coisas pensa que a erva mate é colhida nos jardins” (DONATO, 1959, p. 47). Assim, o título “Selva Trágica” possui não apenas a intenção dizível da densidade dessas matas de onde a erva mate era extraída, mas também mostrar que esses espaços não eram paraísos idílicos, ou em sua expressão ‘jardins’.

“De Galpão em Galpão” de Hélio Serejo é um livro formado por um conjunto de crônicas folclóricas que fazem a descrição dos personagens e do espaço regional do sul de Mato Grosso. A análise revela que a composição de todas as crônicas forma um discurso identitário que mostra os costumes e o caráter dos ervateiros. A ideia principal explorada é o trabalhador dos ervais como formador do tipo sul matogrossense, em que, estes valores sociais possuem a sua gênese na época em que a erva mate era o produto principal da região. Serejo descreve em sua obra o homem, os animais e o ambiente, colocando em seu texto o que ele presenciou quando por um período de tempo acompanhou os ervateiros em busca das minas². Ao explorar epistemologicamente a obra, o leitor é transportado para um período da história em que o homem travava uma luta diária entre o trabalho e o ambiente rústico ao qual pertenciam, moldando-se entre seus diferentes e seus semelhantes.

Na tarefa de compreendermos a construção da identidade regional por meio dessa literatura, partimos do pressuposto do reconhecimento do indivíduo mediante ao encontro com o outro e da formação de grupos sociais por meio desta diferença com alguém que é externo a ele. A identidade neste caso é compreendida na aproximação de trabalhadores dos ervais de Brasil e Paraguai no interior de um espaço que também se torna mesclado. Logo, a identidade é um fator que diferencia grupos e ao mesmo aproxima indivíduos que possuem peculiaridades, ou em outras palavras, identidade que os diferenciam dos ‘outros’.

Nosso artigo explora elementos cotidianos simples, que não são meramente atitudes comuns, mas sim, resultados de um passado. Desta forma, a análise demonstra a relação deste passado próximo com a identidade presente, trabalha a relação histórica que a literatura oferece, como em grupos que se aproximaram por se diferenciarem de outros, formando uma cultura que permanece até os dias atuais. Outro ponto é o ato da análise literária, pois este não deixa passar despercebidas as pequenas coisas, mas busca nas entrelinhas dos livros observando as intenções na qual o autor a escreveu, e, sobretudo, a história contida nele. A erva mate passa a ser um produto um motivador de fatos, tais como a mão de obra, o folclore, os mitos, as lendas, as crenças, religiosidades, entre outras peculiaridades culturais.

Ao analisar os discursos que de certa forma operam na construção da identidade, compreendidos a partir do contexto da exploração da erva mate, deve-se reportar a um de seus conceitos, destacado por Pierre Bourdieu. Para este autor, a identidade nada mais é do que uma luta particular de classificação em que grupos distintos impõem sua visão de uma realidade social através da divisão, ou em outras palavras, um grupo somente tem a sua unidade quando há uma diferenciação de outros grupos e, indivíduos que julgam não possuir similitudes, se aglomeram com outros indivíduos que se conjuntaram entre si, dando origem a uma ‘realidade da unidade’ que por fim, forma a identidade do grupo. Logo, esse conjunto de características próprias e exclusivas que podem ser encontradas na região estudada se dá também por este motivo, e a erva mate se toma um aspecto motivador, ou seja,

o de unir pessoas que, com o seu cultivo se identificavam, formando e transmitindo costumes, e por fim, reúnem-se em grupos com características peculiares.

No final de século XIX e durante quatro décadas do século XX, a erva mate foi uma das principais atividades econômicas desenvolvidas na região Sul do Mato Grosso. Durante este período, as atividades de exploração, beneficiamento e exportação eram, em grande medida, submetidas à empresa Mate Laranjeira que dominava a extração nos ervais da região. Donato, ao escrever “Selva Trágica”, busca privilegiar os subordinados e demonstrar traços de uma empresa que explorava o trabalhador ervateiro, ou como diz Marin “a exploração do homem pelo homem” (MARIN, 2001, p. 170), que se deu na região.

Todavia, não se pode negar que a colonização do sul do Mato Grosso foi influenciada também pela exploração da erva mate, e conseqüentemente da presença da Companhia Mate Laranjeira, a qual foi responsável por grandes investimentos em mão de obra, resultando assim, na ocupação de lugares onde a erva era nativa, como no surgimento de cidades como Ponta Porã, Rio Brillhante, Caarapó, Porto Murtinho, dentre outras. No interior desse ‘trágico’ há aspectos positivos da presença extrativista da empresa Mate Laranjeira na região, e conseqüentemente na formação identitária. Isto é, do momento em que toda esta região que era chamada de ‘sertão inabitado’ começa a receber povos vindos de outras regiões do Brasil, e, sobretudo, o deslocamento de pessoas entre Brasil e Paraguai. Todo esse movimento em função da erva mate foi dando as características que na atualidade continuam presentes, a se repetir através da cultura e nas características de um povo que tem traços identitários que podem ser considerados mistos.

No conjunto de crônicas de “De Galpão em Galpão”, seu próprio título, já menciona características da vida ervateira, em que, o gosto pela mudança de acampamentos renovava a esperança dos peões. “O giro de galpão em galpão é coisa que muito agrada ao vaqueiro, são pialos que ele vai dando no potro de seu destino incerto” (SEREJO, 1962, p. 5). O destaque durante as crônicas é o próprio homem, sua vida, seus costumes, seus pensamentos e o seu caráter. A erva mate está presente no decorrer de todo o livro como: “na roda do amargo” (SEREJO, 1962, p. 5), “na roda a cuia do mate-doce” (SEREJO, 1962, p. 7), “Surge o chimarrão” (SEREJO, 1962, p. 16-17). Ou seja, ela e o homem são precursores de uma formação cultural e de uma identidade que se formava nesse espaço, deixando para trás a ideia de sertão inabitado.

Donato em “Selva Trágica” deixa visível nos diálogos entre seus personagens os traços de uma cultura paraguaia que cruza tanto as palavras em espanhol como em guarani. “M`bacichapandécoé, chéPytã? Ele resmunga um pedido de sossego. Mas a mulher repete: – Então, como foi o dia, hein Pytã?” (DONATO, 1959, p. 28). A distinção entre as pessoas de dois países fica a cada dia mais difícil de pontuar, pois tanto a cultura como os povos se fundiram com um único objetivo, a extração nos/dos ervais.

As duas obras são exemplos da forma como os autores foram capazes de registrar flagrantes de um tempo histórico que está na origem de uma identidade. Tal processo identitário está incluso na forma de vida do povo, cujo discurso se baseia nas diferenças pessoais e regionais, costuradas para se formar uma identidade regional. A narrativa literária explorada por nós possui papel fundamental na organização da pesquisa, pois o diálogo entre as fontes e a teoria demonstra esse discurso identitário

que está se construindo a partir da vivência dos ervateiros e da herança de seus costumes. A literatura investigada une fatos reais com tramas ficcionais e provoca o entendimento da história, ou mesmo podemos considerá-la como uma literatura histórica.

A literatura como expressão discursiva na formação identitária

A identidade se forja na ação entre o indivíduo e a sociedade, para compreender o processo de construção identitário, os autores captam em seus livros, traços de uma cultura em formação ou que está em ressignificação, a qual acaba passando despercebida, porém, chega determinado período em que estes livros servem para uma análise dos traços identitários de um povo. Isso ocorre com a literatura de Serejo e Donato, que conseguem demarcar conceitos da identidade regional em formação presentes na lida ervateira.

Donato não mostra o mundo ervateiro oficial, tende a demonstrar que a erva mate não é colhida em jardins, é dura a vida dos ervateiros em meio ao rigor imposto pela companhia Mate Laranjeira. Já “De Galpão em Galpão” destaca o gosto que o ervateiro tinha em mudar de acampamento. A cada passo dado, a esperança se renovava, isto expressa a dificuldade enfrentada cotidianamente pelos ervateiros, a cada mudança, uma expectativa de melhora surgia. As duas obras mostram o trabalhador agindo de forma linear, porém, o cotidiano torna-se assim um expressivo meio para a análise da história não oficial dos discursos sobre a identidade regional.

No fundamento desta identidade regional estavam os ervateiros, principalmente por paraguaios descendentes de índios e brancos, mas também, migrantes gaúchos, nordestinos, paranaenses e paulistas a fim de trabalhar nos ervais da Mate Laranjeira. Esses homens e mulheres formavam a grande força de trabalho que buscava no lucro retirado do serviço nos ervais e a tentativa de uma vida melhor. Nas obras, o vocabulário dos literatos é rico em expressões paraguaias e guaranis, que ao se fundir com a língua portuguesa, faz nascer o vocabulário dos ervais que tanto Serejo quanto Donato exploram vivamente em suas obras.

Serejo deixa claro esta aproximação das pessoas que viviam nos ervais com a cultura paraguaia e guarani. Esta união evidencia-se tanto em sua narrativa quando nos diálogos: “acima um pouco, o *barbaquá*³ com seus aspectos de caranguejo morto pelo fogo, e para completar o conjunto grotesco, o caramanchão de piso batido, para se *bailar con la musiqueada* crioula” (SEREJO, 1962, p. 36-37).

Donato também destaca os aspectos culturais guaranis ligados a linguagem, “linguagem dos ervais: guarani e português” (DONATO, 1959, p. 147), os quais podem ser percebidos em uma canção citada no decorrer de sua obra.

Che payàimaguívé, ayapome
ha'uayurúpyté
Che ro'yiyutu!
nei! nei! Pui
chepy' ayoppi
h'are' aterei pitapyré
cheyapichy

eu faria isso, se pudesse
dava um beijo em sua boca
tenho agora frio na boca
está bem, também, se não queres
me aflige tardar muito meu
desejo do que acaricia
(DONATO, 1959, p. 97).

Em outra canção Donato além de destacar aspectos culturais e linguísticos, demonstra como a religião estava presente na vida ervateira, sobretudo, influenciada pelo catolicismo inserido pelos jesuítas através do padre João Pedro Gay⁴.

*Santo Tomás les responde
“Os tengo que abandonar
Pues que Cristo me ha mandado
Otras tierras visitar*

*En recuerdo de mi estada
Una merced os he de dar,
Que es la yerba paraguaya
Que por mi bendicta está”.*

*Santo Tomás entró en el rio
Y en peana de cristal
Las aguas se lo llevaron
A las llanuras del mar
Los indios, de su partida
No se pudieron consolar,
Y a Diósestan siempre pidiendo*

*Que vuelva Santo Tomás”
P’á no sufrirmosmááás...”
(DONATO, 1959, p. 218-219)*

São Tomas lhes respondeu
“Tenho que abandoná-los
Porque cristo me mandou
Outras terras visitar

Em lembrança da minha estadia
Uma mercê os hei de dar
Que é a erva paraguaia
Que por mim bendita está”.

São Tomás entro no rio
E em base de cristal
As águas o levaram
As planícies do mar
Os índios, de sua partida
Não puderam se consolar
E a Deus estão sempre pedindo

Que volte São Tomás.
Para não sofreremos mais...
(Trad.: Josué Lovato, Uruguai)

Outro aspecto da linguagem é o nome das cidades como, por exemplo, Ponta Porã, Amambaí e Caarapó, entre outras, as quais são citadas por ambos os autores e que tem seu nome originário da linguagem indígena, ou mesmo derivadas da erva mate. Os termos linguísticos utilizados por Serejo assumem o indício de uma identidade que demarca a presença paraguaia na formação do ‘tipo’ sul matogrossense. Ao introduzir essa linguagem em seus livros Serejo e Donato criam condições fronteiriças variáveis. A fronteira não é uma demarcação natural, ela é o limite entre o ‘Eu’ e o ‘Outro’. A fronteira entre Brasil e Paraguai era geograficamente demarcada pelo rio Paraná, logo, a “obra representa o sul do antigo Mato Grosso como uma região com fronteiras geográficas imprecisas” (MARIN, 2010, s/p).

Nessa fronteira cultural, essas relações culturais estavam próximas da figura do paraguaio. Isto pode ser percebido, no vocabulário dos ervais, que é a combinação da cultura paraguaia e guarani com a cultura dos brasileiros, formando assim, traços de uma identidade que posteriormente seria a base identitária do sul do Mato Grosso. Portanto, a linguagem nestas obras são as principais marcas de uma identidade mista, isto é, a cultura paraguaia fundida com a cultura brasileira. A presença do idioma guarani na região demonstra características culturais trazidas pelos povos vindos do Paraguai. Mas, o idioma tinha outro intuito dentro dos ervais, ele era a maneira pela qual os trabalhadores conseguiam resistir à opressão da Mate Laranjeira, ou em outras palavras, mantendo-se viva a memória, mantinha-se viva a identidade.

O historiador Gilmar Arruda chama a atenção para isso, pois a Companhia Mate Laranjeira não era dócil no trato com os trabalhadores, no caso dos trabalhadores paraguaios que detinham o conhecimento do cultivo e do preparo da erva mate, toda precaução era importante e significativa, e o idioma guarani lhes auxiliava na manutenção dos seus saberes, pois eles se tornavam incompreensíveis no tocante a suas falas e narrativas orais, pois se comunicavam em guarani. Segundo

Arruda “a presença do idioma foi um dos meios pelo qual os paraguaios se defenderam da Mate Laranjeira, preservando o seu fazer-saber” (ARRUDA, 1997, p. 89).

Dentre suas crônicas, em a “Ranchada Ervateira”, Serejo expõe o discurso que mostra algumas marcas da identidade.

O homem estoico, arrieiro “chasqueador”, vencendo as endemias, lutando contra o meio adverso, furou o sertão agressivo, e levantou-a, atabalhoadamente ali naquele ermo terrificante; e dessa ranchada, povoação ervateira, aglomerada de homens rudes, nasceu a caminhada lendária, para o povoamento da terra virgem (SEREJO, 1962, p. 37).

Estes homens que sobreviveram na extração da erva mate, às doenças como maleitas, a exploração dos padrões, e a viver em estado de miséria e pobreza são considerados os povoadores que de alguma forma por muitos são os conquistadores do sertão⁵. Eles formam estes grupos, os quais dão início a ‘caminhada lendária’, que determinara o caráter do indivíduo do sul de Mato Grosso. Nesta mesma crônica, a fonte destaca que as “Ranchadas”, mesmo sendo o lugar em que o homem foi escravizado, foram necessárias para o domínio da terra pelos habitantes, novamente ele exalta o homem ervateiro que vivia nas ranchadas, como o povoador, o dominador das terras inóspitas:

Você, ranchada ervateira, pode representar uma época em que o homem era escravo do homem [...]. No entanto, tudo passara sobre a terra, mas você deselegante ranchada ervateira ficará [...], ficará para dizer às gerações vindouras, que foi com a sua ajuda que se abriu, no sertão, a rota para o domínio do solo palmilhado pelo íncola e pelas feras traiçoeiras (SEREJO, 1962, p. 37).

Entretanto, mesmo as narrativas dos fatos sendo tendenciosas e buscando em alguns momentos demonstrar o lado mais cruel da difícil luta dos ervateiros, podem-se encontrar fragmentos que levam ao entendimento que: mesmo o homem sendo escravo de outro homem, as ranchadas foram necessárias, pois a partir desta vida ervateira que o desbravamento do Sul do Mato Grosso foi iniciado e a construção dessa identidade se apresenta, ou pelo menos como se percebe na fonte, os elementos discursivos surgem para que se possa pensar desta maneira.

O tempo no qual é escrito as obras de Serejo e Donato estão correlacionadas com as ideias que germinam em meio a movimentos sociais e políticas de uma região. Contudo, associando acontecimentos reais com o romantismo literário, os autores criam suas obras, dando assim, um romantismo ficcional ao fato ocorrido.

É inegável a alma poética de Serejo e Donato. Em “De Galpão em Galpão”, por exemplo, a obra é escrita em prosa, porém, o autor esbanja aspectos poéticos. Neste sentido, José Pereira Lins diz sobre a obra de Serejo que o narrador “não faz propriamente prosa, e muito menos 'Prosa Xucra', mas somente poesia, cadenciada e bela, mesmo que a 'forma' não receba essa classificação” (LINS, 1996, p. 81). Sua prosa regionalista é expressiva nas palavras.

Os autores voltam seus olhares para um determinado período, e assim, contar um fato acontecido relacionando várias temáticas relativas ao homem ervateiro acaba se tornando poético. No caso de Serejo, suas crônicas podem ser classificadas como poemas em prosa, sendo postas nesta

classificação por serem “ditadas pela sensibilidade do autor, motivada pela vida ou pelo espetáculo da natureza, impregnado de lirismo” (COUTINHO, 1999, p. 133).

Para que o cultivo do mate fosse bem sucedido houve a necessidade de mão de obra que pudesse suportar o ritmo de vida nos ervais. O trabalho se mostrou extremamente sacrificante, um ir e vir de trabalhadores se fazia constantemente, os quais somente se libertavam do trabalho que lhes era cabido de três formas possível: por fugas, por término da colheita ou por morte. Este primeiro aspecto não deixa de estar presente neste texto, pois “a mão de obra é fator fundamental dentre as forças produtivas. Isto, em qualquer tempo e em qualquer espaço” (BIANCHINI, 2000, p. 171). Mas quem era essa mão de obra? De onde vinham as pessoas para o trabalho ervateiro? Estas são questões importantes para a compreensão de como a erva mate foi um produto motivador na construção da identidade que se formava na região.

Grande parte dos trabalhadores da Mate Laranjeira era composta por estrangeiros, que eram aconchavados⁶ no Paraguai, fato resultante, segundo Donato devido a dificuldade encontrada pela empresa em conseguir mão de obra para a extração da erva mate *in natura*. Na fonte nota-se o seguinte diálogo:

Patrón? Não me serve mais êste trabalho! Maldita hora em que recebi sua encomenda! Sabe, não há mais homens para aconchavar! Vê? Êsses são quase meninos! Não faz muito que estão galados, não senhor! E tive que buscá-los naquele inferno de Sangapuitã. Nem sei quantos quilômetros para lá da fronteira! Outros se enfurnaram até Naranja Dulce. O Mate acabou com todos os homens dêste canto do Paraguai (DONATO, 1959, p. 176).

Donato ainda transcreve como era feito o conchavo, que mesmo sendo um método rústico, ainda era certamente vantajoso para a empresa:

Pois o aconchavador aparecera perguntando quem, dos pobres da vila, faria gôsto em passar vida de rico em ficar rico. [...] Que patrão ali na terra dêles podia fazer como êleaconchavador fazia em nome da Companhia “Mate Laranjeira”; dar um bom dinheiro adiantado só para o peão ir ver como seriam as coisas. Fôssem com êle, logo à noite, para um divertimento debochado, sem freio, na melhor bailanta fronteiriça e vissem como era bonito e rico o portão dos ervais! (DONATO, 1959, p. 177-178).

Percebemos na sua obra que Donato prossegue com a narrativa sobre o conchavo, ao ponto em que ele demonstra o momento apropriado que o aconchavador elege como propício para conseguir fazer com que os peões reunidos na *bailanta* ao qual ele – aconchavador – havia lhes trazido. O dia seguinte a *bailanta*, a mão de obra pretendida para os ervais da Mate Laranjeira estava praticamente assegurada, pois todos que ali vieram já se encontravam em dívidas com o aconchavador, com a Mate Laranjeira e conseqüentemente a forma de pagamento era o trabalho, e nesse momento trabalho por dívida. Nas palavras de Donato:

Quando amanhece, as carretas são trazidas para a porta. Os *aconchavados* estão bêbados [...]. Num de repente tudo muda. Vem o patrão que já não ri nem oferece coisa alguma, e lhes grita que gastaram demais, beberam demais e abusaram das mulheres que além de bêbados e farristas eles quebraram tanto e devem tanto. [...] Diz que assinem logo a caderneta de trabalho, recebam e paguem ao patrão. [...] Os inconscientes são empilhados [...] e a carreta sobe o caminho e toca para o tapê-

guaçu (DONATO, 1959, p. 178-179).

Percebe-se a forma pela qual se dava parte da angariação da mão de obra para os ervais, uma armadilha aos futuros peões ervateiros. Contudo, nem todos os novos peões ervateiros eram obtidos através do conchavo, mas é evidente que em sua maioria, os trabalhadores iam buscar um local onde pudessem acumular riquezas, ou em outras palavras, o sonho da mudança de vida. E tudo isso reunido, tanto a conchavo quanto a vontade de enriquecer espontaneamente, foram trazendo pessoas novas, costumes diferentes, formando assim características variadas do tipo sul matogrossense.

Outro fato que reforça a presença do paraguaio na produção da erva mate foi a sua experiência no manuseio e a proximidade entre o Paraguai e o sul de Mato Grosso. Geralmente, a lida da erva era herança cultural guarani, e os paraguaios através da transmissão de cultura de povos utilizavam a erva como remédio ou chá, adquiriram a prática no trabalho com a erva, tornando-se mão de obra bastante procurada para o trabalho nos ervais. Dessa forma, vinham acumulando há vários séculos esse saber, os quais foram anteriores aos tempos de colonização. Neste sentido, Gilmar Arruda afirma que.

A tradição foi legada pelos Guarani, que já utilizavam a erva mate antes dos conquistadores [...] o uso da erva mate e as técnicas para a sua elaboração passou, assim, do guarani para um povo chamado “paraguaio”. Exemplo dessa tradição e a forma como a mulher “guaiaqui” carregam seu cesto [...] semelhante a forma como o mineiro carregava o “raído” (ARRUDA, 1997, p. 87).

Serejo, por ter sido um trabalhador dos ervais e ali ter executado varias funções pôde presenciar as marcas que a cultura paraguaia/guarani tiveram na formação da sociedade sul de mato grosso. “Vivemos a vida ervateira, por dez longos anos. Fomos de tudo um pouco: desde *encargado de lacomisaria*, até condutor de *arrias*”⁷. Serejo ainda diz que:

uma ranchada ervateira é um celeiro folclórico [...] Sentimos folclore vibrante nas rodas de tereré, onde a conversação surge sempre diferente, entremeadas de chistes invariavelmente pornográficas, e ditos nascidos no mundo abrutalhado dos ervais. Num mundo em que a própria natureza bravia ajudou a criar o brutal, o hilariante, o extravagante, o inimaginável, o confuso e até mesmo o ridículo (SEREJO, 1962, p. 41).

As festas, a religião, as lendas, os mitos e o meio ambiente da região também são pontos importantes a serem mencionados, estando presente dentro do mundo dos ervais penetrando na vivência dos ervateiros. Na maioria das crônicas de Serejo é possível perceber o narrador se utilizando da palavra ‘sertão’ para designar o meio em que viviam. O narrador descreve detalhadamente os ambientes e pessoas, o que revela maior movimento de suas cenas, como por exemplo, as festas juninas, que são detalhadas pelo autor em uma de suas crônicas, colocando com a brevidade de seus parágrafos, uma exposição do que seria a festa de São João. Serejo descreve:

Mês de junho. Fogueira grande. Assado no espeto. Foguete de rabo. Busca-pé. Bombinhas. Batata assada. Cachaça com mel. Toque de sanfona. Gemido de viola. Ganir de cães. Briga de guri. Gracejo de velho metido. Doce de leite. Pipoca arrebrandando na panela (SEREJO, 1962, p. 16).

Serejo relata que os dias de São João, São Pedro e Santo Antônio, apresentavam-se como expressões de religiosidade e esses feriados obrigatoriamente faziam parte,

da vivência ervateira, porém, o trabalho não sofre qualquer espécie de alteração. Como em toda ranchada ervateira existe sempre um 'Juan', o São João tem a sua comemoraçãozinha através de uma fogueira, acesa na hora do alimento principal do dia: o jantar (SEREJO, 1962, p. 43).

De fato, a fogueira é o símbolo marcante nas comemorações dos festejos juninos, como bem representa a cultura frente a esta manifestação social até a atualidade. Compreendemos cultura – aqui – da maneira como a explora Peter Burke em suas reflexões. Parafrazeando-o diríamos que estamos distantes de responder de maneira que envolva todos os desafios que a cultura nos coloca, pois é um sistema de significados, ações, atitudes e valores que são compartilhados. Burke a trata como 'uma presa esquivada', pois ela apresenta maneiras de comportamento, como no caso aqui nas festas juninas, mostrando artefatos que são construções culturais híbridas, como a dança, a música, a comida, a bebida, entre outros componentes, nos quais ela se expressa ou é incorporada, percebe-se então o questionamento dos limites entre a unidade e a variedade cultural entre paraguaios e brasileiros no contexto analisado.

Nas datas de festa – como a de São João – o jantar era comemorado com um algo a mais, tanto na culinária, como na música. O povo paraguaio faz questão de trazer e pôr a disposição tudo aquilo que possui no momento da refeição, a simplicidade não significa a falta de fartura. O convite a amigos e vizinhos sempre vinha com boa dose de bebida e músicas paraguaias, muito embora essa especificidade não se desse por vontade da Mate Laranjeira, pois a alimentação e a diversão eram recursos escassos nessas paragens. Odaléia Bianchini faz menção a isso, quando aproxima o jeito paraguaio com o jeito sul matogrossense, ela diz que

No comer o paraguaio também deixou o sul de Mato Grosso bem marcado a sua influência. A carne seca com mandioca, a sopa soô e a chipa. [...] por ocasião do dia de S. João, Pedro resolvera organizar uma festa junina [...], Rosa faria os doces de abóbora, de leite, de mamão verde [...], Pedro sangraria o boi e organizaria o churrasco. Haveria um baile, ao som de violões tocados pelos paraguaios, exímios nessa arte (BIANCHINI, 2000, p. 202).

Outro fato interessante nota-se quando Serejo em sua crônica "Rosário Sertanejo" demonstra a representação da fé, a qual era depositada em imagens e símbolos que remetiam a Deus. O narrador descreve, no primeiro parágrafo, o rosário, trazendo assim vários significados, mas sendo em sua maioria reforço à fé cristã.

Símbolo sacrossanto da fé cabocla: imagem de Nossa Senhora cravada no coração da gente boa do sertão; calor de contas com um crucifixo bento no qual o homem rude deposita o beijo vivificador da sua consciência cristã; e companheiro de todos os dias das velinhas encarquilhadas e orantes; refúgio Augusto de muitas lágrimas e de muitas dores; consolo bendito de inúmeros transviados da vida; guia sublime do que pecou por ignorância mas se arrependeu um dia! (SEREJO, 1962, p. 43).

O texto refere-se a um objeto religioso que a seu ver representa conforto aos que estão necessitados, é visto neste contexto como representação de Deus na terra – o rosário –, o autor

complementa dizendo que “onde quer que exista um rosário Deus Nosso Senhor está presente” (SEREJO, 1962, p. 43). Contudo, ao focar a questão do simbolismo religioso, põe-se em evidência, como nos diz Bourdieu, a “integração social”, ou seja, quando se tratou de dar conta da construção de grupos sociais e a criação de uma identidade, logo se percebeu que a formação de tais grupos se dava pelo comum, ou em outras palavras, pessoas que se identificavam se uniam, criando uma identidade de grupo. A erva mate assim como os costumes religiosos, foi uma das motivadoras de incorporação social. Para Bourdieu,

Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto de conhecimento e de comunicação [...], eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribuiu fundamentalmente para a reprodução da ordem social; a integração lógica é a condição de integração moral (BOURDIEU, 2007, p. 10).

Há a criação de campos simbólicos que vão sendo gerados a partir da vivência de pessoas contidas em seus grupos sociais. O simbolismo torna possível a aproximação de pessoas, formando assim, grupos sociais.

Ainda no âmbito religioso, a festa mais importante e aguardada pelos ervateiros era a Semana Santa, sendo a mesma o ponto mais alto de todas as festas. Ao analisar estes dias que antecediam a Páscoa, pode-se compreender como a erva mate não era somente responsável pelo ir e vir da mão de obra, mas dava o caráter simbólico às pessoas que ali moravam e além de ser um produto, marcava também uma hierarquia dentro da própria ranchada.

Um personagem interessante a ser analisado é o *uru*⁸ sendo sua característica identitária formada pela erva.

Isso dizia com o orgulho do aprendiz que compromete a alegria e a saúde para um dia chegar a ser uru! Ser chamado *señor* em festas e *bailantas*, passar de cabeça erguida diante dos capatazes, receber no rosto a inveja dos *mineiros* e dos peões” (DONATO, 1959, p. 39).

Porém, ao chegar a Semana Santa, o uru deixava de ser o rei do erval para se tornar alguém comum, ou seja, sem a erva mate como ‘empunhadura identitária’ o nome *uru* deixa de existir. A pessoa que era o uru – uma das figuras principais nas lidas com a erva mate – ao frequentar os dias de festejos ele era destituído de sua propensa autoridade e sua personalidade de senhor nos ervais era deixada de lado. Muitos peões não se aproximavam do uru, pois ainda o tinham com sua autoridade, e o mesmo ocorria com ele ao ficar isolado nesses festejos. Porém, segundo Donato, seu pensamento não saía de sua imagem de autoridade, pois “daqui a sete dias sou de novo o uru e você o meu huayno”⁹ (DONATO, 1959, p. 145). Por que assim que os festejos de Semana Santa terminassem, ele retoma seu poder de mando e sua identidade cunhada pela lida com a erva mate. Donato expressa também que a vida do *uru* não se desligava do mate mesmo a partir do momento em que a erva saía do *Barbaquá*, a marca identitária que a erva deixava neste personagem era levada além erval. Na fala de Donato isso fica claro quando ele diz que.

Quando alguém bebe da erva por êsse mundaréu esborcinado de acima de abaixo, o que bebe de fato é o sangue do uru, o suor do uru. Se é boa erva dizem que Deus foi bom em fazer crescer as árvores. Se é ruim a bebida, xingam o uru e a mãe do uru e a avó do uru, jurando que êle estragou a melhor erva já criada pelo bom Deus (DONATO, 1959, p. 103).

Outro exemplo é o Curê o qual tem a Semana Santa como um ponto alto de suas aflições, pois com a quebra do ciclo do cultivo durante a semana santa, o Curê¹⁰ deixava de existir. Curê era o representante da Companhia quando da lida nos ervais, e os festejos rompiam com sua estima, para ele “a Semana Santa era o ponto alto da sua aflição. Assim que se começava a falar nela principiava a desejar que passasse rapidamente. Não havia nada de nada para êle” (DONATO, 1959, p. 141). Portanto, a erva mate, neste ponto se tornou além de um produto motivador, para ser também um classificador, atribuindo hierarquicamente definições para os povos que faziam seu cultivo.

incapaz de viver dois dias sem gritar ordens, sem perceber que dezenas de homens e mulheres dependiam dele [...]. Não tendo com quem gritar ordens, sofria [...] até o fim da Semana quando os tivesse de volta para ouvir seus gritos e cumprir suas ordens (DONATO, 1959, p. 152).

Os mitos também se faziam presentes dentro do contexto das ranchadas. Em “O Caipora”¹¹, Serejo descreve uma das figuras folclóricas que mais chamavam atenção naquela época, por ser uma criatura que apavorava os trabalhadores. De aspecto amedrontador, ele tinha o poder de comandar os fenômenos da natureza e estragar as festas. Segundo a crença popular, para espantar o Caipora, os moradores do lugar deveriam fazer simpatias ou consultar benzedores do lugar. Serejo demonstra a crença dos mitos com a natureza, tendo essa criatura o poder de fazer chover para destruir pontes e inundar estradas onde sua vítima iria passar; ele também ficava nas encruzilhadas e em forma de vento forte assustava os que passavam. O mito do caipora, até hoje, faz parte do folclore popular, mesmo tendo sua forma física mudada conforme a região que ele é abordado:

Ele é filho da terra! Enquanto houver num capoeirão, uma tiguera ou restos de mato o caipora subsistirá, porque até nas encruzilhadas limpas ele aparece, se transforma em vento ou numa macega e fica tocaiando o viandante para logo em seguida provocar o barulhão, espantar o cavalo, e guinchar, desabridamente, na sua verdadeira e horripilante forma física (SEREJO, 1962, p. 39).

Neste caso o que entra em questão é, em primeiro lugar o folclore, e em segundo, a crença popular de que simpatias e benzimentos podiam dar fim a essa lenda. Reafirma-se aqui que a “ranchada ervateira é um celeiro folclórico” (SEREJO, 1962, p. 41), demonstrando assim o quanto a erva mate contribuiu para a formação da identidade do Sul do Mato Grosso, incluindo o inconsciente das pessoas, ou mesmo o mundo imaginário que se fazia ao redor dos trabalhadores, voluntariamente ou não às suas vontades.

Em outra crônica, Serejo demonstra a crença em mitos, em a “fumaça de brejo” descreve um fenômeno da natureza, provavelmente muito comum no sertão. É uma mistura de conhecimento e de crença de um povo. “Fumaça que levanta do brejo é sinal de chuva perto” (SEREJO, 1962, p. 6), e o “Vaqueiro molhado por ela, três vezes seguida, fica desgraçado de ligeiro no lombinho” (SEREJO, 1962, p. 6-7). O narrador descreve este fenômeno como algo que agita os campeiros e animais do sertão.

Para os homens, a possibilidade de chover traz a esperança de fartura para sua plantação, faz com que os pastos fiquem bonitos e isso reflete na criação dos animais.

Com o auxílio das fontes provindas da literatura fica cada vez mais evidente que vários costumes que são vivenciados pelos habitantes da região foram implantados pela vinda dos paraguaios ao sul do Mato Grosso, os quais buscavam “sobrepôr, com seus costumes, os costumes encontrados no sul de Mato Grosso” (BIANCHINI, 2000, p. 202), demonstrando que o sul do Mato Grosso encontrou suas raízes com a presença paraguaia na região, ou como diz Bianchini: “O sul do Mato Grosso, a fronteira, tem assim uma dívida histórica para com os paraguaios” (BIANCHINI, 2000, p. 246).

A Literatura e sua presença como fonte na Historiografia

Donato transcreve em sua obra, trechos de acontecimentos históricos embebidos em um romance, na qual o autor objetiva “dar visibilidade a fatos desconhecidos pelo grande público, e não abordados pela história oficial” (MARIN, 2001, p. 170). Esta abordagem é interessante de ser percebida, pois Donato escolhe aspectos sombrios e dispares, valorizando assim o trágico dos ervais, e principalmente os domínios da Mate Laranjeira. Segue-se o que ele diz:

O rapaz voltou-se, arriscando o argumento final: – Pois é disse que tenho receio. Da política da terra não me interessa. Vim falar com seus amigos. Disseram o que pensavam e ouviram o que disse. Agora gostaria de ouvir o que diz a Companhia. Afinal, muito do que há de bom neste sul de Mato Grosso foi ela quem fez. Você diz que não? – Pois olhe, eu digo que sim, que foi ela que fez. Mas fez com o sangue, o couro de muitos de nós, gente de trabalho (DONATO, 1959, p. 46).

Donato transcreve o discurso entre Luizão, um mineiro da ranchada, e um jovem repórter o qual posteriormente seria morto por ‘bisbilhotar’ a vida dos ervateiros e principalmente os domínios da Companhia. Desapegando-se da morte, pode-se notar a contradição que o autor, buscando o lado mais cruel dos ervais, demonstra quando contrapõe dois fatores importantes: o primeiro, diz respeito ao “do que há de bom neste sul do Mato Grosso”, sendo este um dado interessante, pois ao que parece a Companhia auxiliou no desbravamento e desenvolvimento do espaço, contudo, este acontecimento desencadeou na morte e na exploração de muitos homens ou como diz o escritor “gente de trabalho”. Donato, portanto, não se cega ao fato da benignidade da Companhia, mas também leva ao leitor o lado sombrio, impregnando assim toda sua obra com sua tomada de posição. Portanto, este romance contemporâneo está impregnado de história.

Conduzindo-se por estes princípios, compreende-se que a literatura deve ser confrontada e utilizada como fonte histórica, que dentre outros meios de pesquisa propiciará ao pesquisador um relevante entendimento dos diversos significados da realidade histórica.

O mundo da erva mate teve um enfoque importante para a compreensão de fatores que foram edificantes em determinada época, e, por este motivo, dentre os vários elementos que compõem as fontes utilizadas, tem o seu lugar de destaque não somente como o inspirador para que os autores pudessem compor suas obras, mas foi também o impulsionador de uma mudança. A erva mate presente na literatura, não é apenas o produto, mas um dos personagens que conduzem toda uma narrativa que dá ao contexto uma história, mesmo algumas vezes tendenciosa, da vida dos trabalhadores dos ervais.

Em suas crônicas, Serejo têm em foco a figura do homem sendo conduzido pelo contexto ervateiro, não deixando que o leitor se esqueça de que todos os textos de sua obra “De Galpão em Galpão”, são baseados na história de vida dos povos dos ervais, dando assim exemplos da forma como os escritores foram capazes de registrar flagrantes de um tempo histórico que está na origem da identidade, a qual está inclusa na forma de vida desse povo, cujo discurso é criado nas diferenças pessoais, regionais, religiosas, em todo um sistema de crenças, sendo unidas para dar o caráter de identidade do Sul de Mato Grosso.

Os textos de Serejo e Donato possuem similitudes com os textos dos historiadores e dos pesquisadores que, de um lado, buscam e se aproximam da realidade de um fato, demonstrando verdades vivenciadas pelos ervateiros, ou por outro lado, a literatura que se reveste com um tom conotativo, que faz o leitor transportar-se para a origem desse movimento. O contexto é criado pelos autores, por meio da reconfiguração do tempo e do espaço, ao narrar o passado para o público. Mesmo reconhecendo a intervenção subjetiva e ficcional de suas narrativas e juízos de valores que surgem devido ao apego pelo objeto que relatam ambos buscam se aproximar do real que ali se passou. E em tudo isso o mate se faz presente, tanto na ‘roda do amargo’, como também o produto motivador.

Quando se trata do mate contido na literatura, o tereré¹² é um dos bons exemplos de como a cultura paraguaia está presente na região do atual sul de Mato Grosso do Sul. O tereré, por ser uma bebida refrescante que ajuda no combate ao calor é um estimulante natural que contribui para aliviar o cansaço, ele está presente nas primeiras horas do dia dos ervateiros.

O dia do mineiro [...] começa no meio da noite, às três e trinta. A mata, os bichos, os caminhos, as aves dormem ainda e o mineiro estremunha. Cansado da véspera e das muitas vésperas trabalhadas. Prepara o tereré, enrola nos pés e nas pernas a *plantilha*¹³, bebe tereré, calça as botas de couro, bebe tereré, come bocados da comida sobrada da tarde anterior, bebe tereré e mergulha na *caatim*¹⁴ (DONATO, 1959, p. 21).

Além de estar presente na vida dos mineiros, o mate assume aspecto simbólico no sentido de unir as pessoas e contribui para a interação social. Donato transcreve em sua obra vários momentos em que a roda de tereré e do chimarrão contribuem para esse acontecimento. Um destes momentos se deu em meio a Semana Santa, ocasião em que todos se encontravam não para trabalhar nas minas de mate, mas sim para combinar festejos, tocar músicas e bebericar aguardente. Em meio a isso tudo sempre era tempo de prosas, conversas, interações amigáveis com a vizinhança das minas, bem como momento de cevar a erva para degustação do mate, então “correu o tereré e rodou o chimarrão, andaram acertando carreiras, brigas de galo e partidas de bacará” (DONATO, 1959, p. 130). Este trecho demonstra um pouco do convívio entre os mineiros, tendo o chimarrão e o tereré como precursor para uma boa conversa. Serejo também faz outro relato “A roda se formará naturalmente. Surge o chimarrão. Os viciados ficam alheios a tudo. Sorvem-no aos golaços, gargalhando, num potoqueiro desabrido” (SEREJO, 1962, p. 17).

Na intersecção entre os relatos dos autores e os acontecimentos presentes neles, percebe-se que a roda de tereré e a do chimarrão são momentos que além do ‘tomar o mate’ são também momentos de fortalecimento das relações sociais, atuando na manutenção da identidade que ali vai se construindo cotidianamente.

Considerações finais

“Selva Trágica” e “De Galpão em Galpão” são exemplares qualitativos que compreendem a identidade regional e as tipologias textuais de crônicas e romances. A história narrada nas obras é a imagem desta identidade, apresentando questões de proximidade entre a cultura vinda do Paraguai com a cultura que já se fazia presente no então sul de Mato Grosso e na mescla com outras culturas que aqui se estabeleciam. A fronteira que antes era entendida com seus marcos geográficos que separam regiões, agora passa a ser algo mais próximo, ou em outras palavras, uma fronteira entre pessoas, que por meio do encontro entre dois costumes – brasileiro e paraguaio – formou no sul do Mato Grosso, hoje conhecido como cone sul matogrossense, uma identidade mesclada, a qual, as fontes mostram nas suas entrelinhas, sejam em suas ficções ou em suas realidades.

“Selva trágica” e “De Galpão em Galpão”, dão o entendimento de uma construção literária e historiográfica, demonstrando costumes de uma época, entrecruzando elementos ficcionais com os não ficcionais. Donato e Serejo, através do imaginário e da realidade, demonstram a identidade em formação, contudo, a identidade só pode ser compreendida porque os autores não frisam somente o estético ou apenas o lado trágico, mas registram fatos que se aproximam da realidade, dando assim ao leitor dados para uma reflexão de uma história não oficial, e sim de produção de diferentes sociabilidades. Cabe ressaltar que mesmo sendo narrativas que se aproximam do real, ela não pode ser compreendida, levando em consideração o romance da obra e o mover-se de todos os seus personagens, com fatos históricos, e sim é uma tentativa ficcional que os narradores, direcionadores de temas e valores históricos criam.

Certamente, nunca haverá uma verdade universal, sendo a leitura variante e dependente do foco que o pesquisador quer lhe dar. Desta forma, a literatura durante muito tempo não foi considerada uma fonte primária para a história, e hoje, sob a perspectiva desta nova historiografia, pode-se ter uma escrita da história rica de interpretações. Consequentemente, a partir das observações e da leitura das fontes, a identidade é interpretada como um processo e não um fim, a literatura consegue escriturar estas ‘pilastras’ dos momentos históricos, nas quais o homem define a maneira de ser em relação ao meio e a sociedade onde vive.

Outro ponto é a história regional, a qual quando devidamente trabalhada, se torna um campo rico para o historiador com o entendimento das peculiaridades que ficariam ignoradas se não tomadas como partes de um todo, ou seja, a partir desta perspectiva, o peculiar se torna parte de uma história em formação.

Sobre a identidade regional e em específico ao sul do Mato Grosso deve-se compreender que esse conjunto de características não figura somente em questões étnicas, mas também em questões culturais. O processo extrativista favoreceu o surgimento de um povo que se identificou com a terra e criou uma cultura com proximidade de pessoas através do trabalho, ou mesmo das festas e comemorações, tal processo extrativista hora foi espontâneo e outras vezes forçado.

Donato ao utilizar da ‘linguagem dos ervais’, expõe no conjunto de seu texto várias características paraguaias/guarani e brasileiras presente, por exemplo, na mistura dos idiomas – espanhol, guarani e português. Isso se percebe também com as festas, as religiosidades, os costumes, o folclore, entre outras manifestações, marcas estas que permanecem até os dias atuais.

Deve-se frisar a tradição paraguaia, pois grande parte dos trabalhadores dos ervais era de origem paraguaia, como pode ser visto no relato de “Conchavo”, em que os trabalhadores eram – sem generalizar – iludidos por uma vida boa que possivelmente teriam nas ‘minas’. Logo, costumes foram implantados na área onde eles trabalhavam e uma destas heranças transmitidas é o uso da erva mate como bebida. Então, o ‘tomar tereré’ atualmente não é mais um simples hábito, mas sim um legado do que é o atual Sul do Mato Grosso do Sul.

A identidade é o ponto a ser alcançado, e, ao indicar várias referências para esse fim descobrem-se as ‘raízes’ que formam a base de uma sociedade que compõem o cone sul matogrossense. Não se pode afirmar que somente os ervateiros foram os formadores do ‘tipo’ sul matogrossense, é evidente a participação dos mesmos no início desta colonização extrativista.

A literatura utilizada como fonte para compreender o processo identitário em tela é fundamental. Como vimos, a perspectiva dos autores ao referenciar o tema agrega várias problematizações históricas. A literatura é muitas vezes entendida como delegadora de opiniões ficcionais, condutora de entendimento de identidades não reais. Percebemos que as fontes utilizadas operacionalizaram compreensões que nos aproximam do real – da forma como entendemos a história. Mas, todavia, a literatura enquanto fonte histórica não pode ser naturalizada como operadora da realidade histórica, ela necessita sim ser problematizada na especificidade epistemológica que comporta.

Enfim, pode-se compreender que a identidade formada no que hoje é o Sul do Mato Grosso do Sul se dá pela mescla de cultura brasileira e paraguaia. O Paraguai introduziu nesta sociedade várias marcas culturais percebidas na música, na linguagem, no folclore e em hábitos como tomar tereré, o chimarrão e o biotipo físico, entre outras. Portanto, na passagem do século XIX para o XX o paraguai foi um componente de importância para o desbravamento desta terra, em que, mesmo saindo de outras terras e se fixando em lugares que para alguns seriam suas últimas terras, o espaço aqui analisado tem características paraguaias, e isso é um aspecto intrínseco da análise proposta para a compreensão dos fatores identitários, sempre considerando a fonte, o conteúdo, o profícuo e amplo diálogo possível na área da História e da Literatura.

Notas

¹ De 1977 para 1978 há o desmembramento do Estado de Mato Grosso formando o Estado de Mato Grosso do Sul, a denominação Sul de Mato Grosso ou do Antigo Sul de Mato Grosso, é utilizada para designar a parte meridional do antigo Estado de Mato Grosso, atualmente Mato Grosso do Sul.

² Concentração de árvores da erva mate.

³ Oubarbacuá. Jiral de forma circular, emborcado sobre um buraco. Buraco que reluz. Sobre uma coberta de palha a dois metros do solo, um arcabouço de varas curvas firmadas em esteios (DONATO, 1959, p. 237).

⁴ Um aspecto relevante foi que o autor da História Jesuítica do Paraguai, o cônego João Pedro Gay tornou-se personagem de Selva Trágica, onde a canção de São Tomás foi ensinada aos ervateiros pelo padre Jesuíta Gay, que atuou no Paraguai, e que os ervateiros lembravam sempre que iniciavam os trabalhos numa nova mina de erva mate (Cf. MARIN, 2008).

⁵ Explicada na obra de Donato como terras não habitadas e desbravadas pelos ervateiros.

⁶ Ato de arrebatador trabalhadores para os ervais (DONATO, 1959, p. 239).

⁷ Animais (mulas, burros e cavalos) empregados no transporte da erva mate (SEREJO, 1962, p. 42).

⁸ Aquele que trabalha a erva mate no barbaquá.

⁹ Menino, ajudante, aprendiz do uru (DONATO, 1959, p. 145).

¹⁰ Encarregado de representar a empresa Mate Laranjeira em seus ervais.

¹¹ Essa personagem mítica também é conhecida como Curupira em outras regiões do Brasil.

¹² Mate frio, sem açúcar, tomado com a bomba. Refrescante (DONATO, 1959, p. 241).

¹³ O sapatão do mineiro em trabalho (DONATO, 1959, p. 240).

¹⁴ Mato rasteiro, caatinga (DONATO, 1959, p. 238).

Referências

ARRUDA, Gilmar. *Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Larangeira*. Londrina: Eduel, 1997

BIANCHINI, Odaléia da C. D. *A companhia Matte Larangeira e a ocupação da terra do sul de Mato Grosso (1880-1940)*. Campo Grande: Editora UFMS, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 8 ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2007.

BURKE, Peter. Uma presa esquiva. In: _____. *Cultura Popular na Idade Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1995, p. 101-129.

COUTINHO, Afrânio: *A literatura no Brasil*. 5 ed. São Paulo: Global, 1999.

FERREIRA, Antônio Celso. História e Literatura: fronteiras móveis e desafios disciplinares. *Revista de Pós-Graduação em História*, Assis, v. 4, p. 23-44, 1996.

_____. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla; LUCA, Tania Regina de (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 61-91.

LINS, José Pereira. *O sol dos ervais: exaltação à obra literária de Hélio Serejo*. Dourados: Editora Dinâmica, 1996.

MARIN, Jerri Roberto. Limiares entre História e Literatura em Selva Trágica, de Hernani Donato. In: SANTOS, Paulo S. N. *Literatura comparada: Interfaces e Transições*. Campo Grande: UCDB/UFMS, 2001, p. 169-179.

_____. A elaboração de Selva Trágica, de Hernâni Donato. In: *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, interações, convergências*. São Paulo, 2008.

_____. A morte nos ervais de Selva Trágica, de Hernâni Donato. *Revista Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, v. 3, n. 1, p. 156-174, jan./jun. 2010.

Fontes

DONATO, Hernâni. *Selva Trágica: a gesta ervateira no sul do oeste matogrossense*. São Paulo: Autores Reunidos, 1959.

SEREJO, Hélio. *De Galpão em Galpão: crônicas folclóricas*. Curitiba: Requião, 1962.

Recebido em: ago. 2016.

Aceito em: set. 2016.

Leandro Baller: Doutor em História e docente da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: leandro_historia@hotmail.com

Luiz Fernando Picolo: Graduado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: luizpicolo@gmail.com